

O dado e o construído: Esboço de uma teoria da religião entre os Kalankó

Alexandre Herbetta

Doutorando em Ciências Sociais/PUC-SP

Resumo: Os Kalankó são descendentes de um dos povos que viveram no aldeamento de Brejo dos Padres/Pe. Neste cenário, deu-se também a emergência de uma forma de catolicismo popular particular, que acabou sendo operadora central deste universo cultural. Hoje, os Kalankó parecem viver em constante relação de contraste com esse catolicismo. Este texto apresenta um esboço da teoria da religião entre eles, analisando aspectos de seu campo e sistema religiosos, essenciais para entendermos o processo de invenção da realidade lá.

Palavras chave – religião, catolicismo, realidade

Introdução

“Consideremo os encanto como ser humano, apesar de não te acesso de comê feijão junto, mas a gente não considera como homem morto não ... como ser da natureza... Nós tem o nosso pai Tupã que a gente considera como um protetor e significado do mesmo Cristo, [...] Deus é um só [...] a gente aqui se considera como católico [...] agora a gente tem nossa mãe Tamãin [...]

Apesar da complexidade expressa nas falas acima, a religião sempre foi deixada de lado na etnologia produzida no sertão nordestino. Isto ocorre talvez pelo fato de que a visão sobre estes grupos ainda traga o preconceito de que são apenas entidades políticas, no sentido da relação com o Estado, mas de que não possuem diferentes sistemas culturais. O Estado constituindo o fundo da figura destes grupos, que só existem em contraste com aquele, simplificando sobremaneira o sistema de relações e significados elaborados por estas populações. Assim, em oposição à etnologia que se faz na amazônia, por exemplo, ligada à mito-cosmologia e a intrincados sistemas de parentesco, a do sertão nordestino traz ainda o sentido da ausência. Uma exceção é o

trabalho de Ribeiro (1992) sobre a mito-cosmologia Pankararau, realizado em Brejo dos Padres/PE. Não por acaso esta região é o centro irradiador da matriz cultural dos grupos indígenas da região e, talvez por isso, o lugar da presença - e não da falta. A religião, porém, se não é devidamente trabalhada pela etnologia, é sempre trazida como tema transversal, conectada a outras questões, apontando para a sua importância no entendimento de mundo dos grupos em questão. Ela aparece nos estudos sobre o complexo do Toré, sobre a jurema, a dança, a música e acerca da identidade. Mesmo assim, ela é sempre relegada a segundo plano, não sendo o foco central em questão.

Neste texto proponho a elaboração de um esboço da teoria religiosa Kalankó. Isto, baseado em um rascunho do campo religioso, no sentido que faz Brandão (2004) das religiões presentes no Brasil, em um rascunho da dinâmica do capital religioso, no sentido de Bourdieu (2000), quando analisa o jogo de poder sobre o capital religioso e, por fim, em um rascunho do sistema simbólico religioso, que aponta para o trabalho de Geertz (1999), mas que tem mais ligação com uma análise levistraussiana. Além disso, tal tentativa tem como pano de fundo, o artigo de Fry (2000), que estudou as religiões neo-pentecostais de Moçambique, a partir das perspectivas do campo religioso e do sistema simbólico.

Flecha de tempo

Atualmente, os Kalankó somam cerca de 70 famílias, o que perfaz um total de mais ou menos 390 indivíduos que vivem no alto sertão alagoano. A vida da comunidade se divide em dois grandes momentos ao longo do ano – o inverno e o verão. O inverno vai de abril à setembro e é vivido sob a marca da abundância. Neste período, vive-se a partir de uma lavoura de subsistência baseada especialmente no feijão, mas também no milho, mandioca e em algumas árvores frutíferas. Os Kalankó contam ainda com uma cultura de algodão herbáceo e uma pequena criação de gado. No verão, que vai de outubro a fevereiro, a marca é a escassez. Neste período algumas pessoas trabalham na lavoura de outros proprietários, outros migram para o litoral, onde trabalham nas usinas de cana-de-açúcar. A carne de caça é bastante valorizada o ano inteiro e os animais caçados preferidos são: o peba¹, a gibóia e alguns pássaros. O mês de março é o mês das trovoadas e marca a passagem da escassez para a abundância. É um mês de planejamento e trabalho, fundamental para a produção de recursos necessários à vida da população ao longo do ano.

¹ Uma espécie de tatu.

Alguns recursos são fundamentais na vida Kalankó: a água, o feijão, o milho, as forças da natureza, o dinheiro e a terra. Todos estes recursos são importantes e variam da abundância à escassez ao longo do ano. Concomitantemente, são operadores de generosidade e resignância entre os sujeitos do grupo. Na abundância, eles costumam repartir o excesso e usar os recursos de forma exagerada. Na falta, não vêm problema em dividir o pouco que resta resignadamente e no período intermediário – de planejamento – não se abstém de ajudar o aliado na busca dos recursos.

Cristianização

A experiência do aldeamento forçado² é fundamental para esboçarmos uma teoria da religião entre os Kalankó. Para eles, Deus está acima de tudo. Tupã e a mãe Tamãin, elementos de religiões indígenas, são como Cristo e vêm logo abaixo. A base do mundo espiritual, entretanto, compreende a crença nos encantados, os antepassados que se transformaram em entes espirituais, quando ainda eram vivos – portanto, não morreram - tornando-se parte da natureza. A religião Kalankó é, portanto, baseada em duas grandes matrizes. De um lado, o catolicismo – apostólico romano - e a fé em Deus e Jesus Cristo, além de outras entidades denominadas - santos, e de outro, em um sistema de caboclos encantados que se dividem a partir do tamanho do repertório musical de cada um. A música é sempre particular em relação a um encanto. Cada um possuindo um número específico de cantos, o máximo sendo 25 (divididos entre os gêneros musicais da comunidade – o toré, o praiá e o serviço de chão). Quanto mais cantos possuir, mais forte é o encanto, já que alguns trabalhos de cura necessitam de vários cantos. Esta hierarquia assenta-se ainda numa ordem de origem militar: comandante, capitão, dono de batalhão, mestre e caboclo. A música é, portanto, essencial para a prática deste sistema religioso, já que é a partir dela que o encanto – pode se materializar no terreiro e intervir na comunidade. Tal religião parece, assim, se aproximar bastante da descrição feita por Bastide (2004) do catimbó, que é praticada mais em ambientes urbanos, mas que tem ascendência declaradamente indígena. Esta

²Os Kalankó são descendentes de um dos povos indígenas que viveram, durante o século XIX, no aldeamento de Brejo dos Padres, em Pernambuco, administrado por oratorianos ou capuchinos – não se sabe ao certo. Especialmente no século XVIII, o estado português intensificou o processo de aldeamento, agrupando uma série de grupos diferentes num mesmo espaço, para catequizá-los e liberar suas terras. Nestes aldeamentos, os indígenas passavam por um amplo processo de transformação, através do contato (muitas vezes violento) com outros grupos indígenas, missionários, negros aldeados e com a sociedade do entorno. Esse processo de ajuntamento forçado acabou levando à construção de um horizonte cultural “pan-nordestino” (POMPA, 2002) Neste cenário, deu-se também a emergência de uma forma de catolicismo popular.

também conta com grupos de caboclos, divididos hierarquicamente e que são acessados pela música, que os dá o poder da cura. A diferença é que o catimbó se resume ao que chamei de serviço de chão entre os Kalankó – um dos rituais. Estes possuem um sistema religioso mais amplo, conectado ao praiá e ao toré – os outros-, cada qual contando com um nível de intervenção encantada.

Além deste sistema encantado, que tem como suporte um catolicismo popular, os Kalankó afirmam ter fé no pai Tupã, que é comparado a Cristo e na mãe Tamain, apontando para uma mistura com outras religiões indígenas, muito provavelmente presentes no aldeamento de Brejo dos Padres/Pe, conforme nos mostra Pompa (2002). Neste trabalho ela aponta a religião como o grande operador de convergência de culturas no aldeamento. Tal catolicismo popular e indígena produz até hoje o conjunto de condutas e percepções sobre o mundo, no sentido do habitus de Bourdieu (2000), gerando valores operacionais entre a população do grupo. Cooperação, solidariedade, generosidade, compaixão e resignação são condutas esperadas no complexo músico-ritual, operador da religião Kalankó. Esses valores articulados a alguns significados constituem um capital religioso, que é compartilhado entre outros grupos indígenas vizinhos. Quem possui o mesmo capital religioso e, conseqüentemente, os mesmos gêneros musicais, dizem-se parentes e formam grupos aliados. Isto acontece entre os Kalankó, os Koyupanká, os Katokin, os Jiripankó e os Karuazu. Todos eles, ainda, se dizem herdeiros dos Pankararu de Brejo dos Padres – o antigo aldeamento - considerados hierarquicamente superiores – e por isso, proprietários dos cantos mais fortes. Além disso, os papéis de liderança dentro da comunidade são divididos a partir do conhecimento e da prática de tal sistema religioso. O pajé é quem mais conhece os cantos dos encantados e por isso tem mais poder. O cacique é o segundo e assim sucessivamente. Os encantados do alto sertão alagoano fazem parte, também, de um sistema mais abrangente, podendo atuar em todas as comunidades indígenas do sertão nordestino.

O Terreiro: Entre o Mato e a Cruz – ritmo e espaço na elaboração do mundo

De acordo com Tonho Preto – o pajé -, os encantos, em sua maioria, vivem no espaço. Os encantados que vivem no espaço, não podem intervir em qualquer lugar. A energia proveniente deles só pode se materializar em um lugar percebido como mato – cujo sentido remonta a natureza. Isto acontece nos terreiros Kalankó, que possuem dois terreiros principais onde praticam seus rituais e estabelecem contato com o universo

encantado. O terreiro – de forma retangular - é chefiado por um indivíduo, denominado pai de terreiro e pertence a um encanto, denominado dono. No momento do ritual, o terreiro se transforma em mato, lugar onde os encantados podem atuar. Esta transformação acontece a partir da formação em cruz, - o encruzamento -, que é uma formação coreográfica, desenhada ao longo do terreiro durante o ritual, pelos dançadores mascarados, e que o abre para a força encantada. O uso da cruz aponta para a apropriação pelos Kalankó de um elemento da religião católica. Ela é fruto da história do grupo e representa um símbolo de proteção e abertura aos encantados. Neste cenário, a música dá a dinâmica ao complexo ritual e permite aos dançadores realizarem o desenho da cruz, transformando a terra em mato.

Se os encantos vivem no espaço e pertencem à natureza, os índios vivem na terra, e dependem exclusivamente dos recursos obtidos para a sobrevivência. Os Kalankó percebem a vida na terra a partir do sofrimento. Eles têm absoluta percepção do violento processo de contato a que formam submetidos e expressam este entendimento em suas narrativas, falas e ritos. Conforme Merlau-Ponty (2006 [1945]) a percepção reúne nossas experiências sensoriais em um mundo único (: 310), no caso Kalankó, um mundo de dor. As narrativas referentes ao trabalho, por exemplo, sempre possuem como tema central o sofrimento, que serve para se obter algo. Há pouco tempo, Cícero me contava – de modo empolgado – que, apesar de não ter comido muito do seu feijão durante o inverno e ter tido problemas de saúde decorrentes desta “falta”, ele conquistou uma boa quantidade do recurso que pôde ser vendido gerando renda para sua família. Sua fala é cheia de dor, orgulho por suportá-la e alegria por recompensá-la. Tal narrativa, assim como outras, emerge do contexto e evidencia o modelo de como a comunidade organiza outros dramas sociais. O sofrimento é, então, uma essência, e pode ser percebido como um mundo “dado”, a partir do qual os sujeitos devem inventar formas de adaptação. Paulo- o cacique - me disse ainda que o canto Kalankó é o ritmo da cruz, e que portanto – a meu ver - gera a conjunção entre o mato e o espaço, o céu e a terra, - entre Cristo e os encantados. Isto me faz pensar que a cruz é o símbolo chave de abertura da sinfonia musical nativa, espaço-tempo onde os encantos podem atuar, e momento de transformação da caatinga alagoana.

Transubstanciação Kalankó

Este processo de transformação na caatinga alagoana, tem a ver com a invenção (WAGNER:1975) sobre o mundo “dado” – do sofrimento - obtida através da prática do

que chamo de uma religião musical, na qual os cantos são como o motor de um processo que aponta para uma transubstanciação na caatinga alagoana. Está é ligada à percepção e manejo de uma energia encantada. Os Kalankó têm a idéia de uma força encantada proveniente da presença e atuação dos encantados no terreiro – o mato. A origem desta força encantada é sempre ligada a um lugar ideal – o espaço. A força encantada tem três níveis de atuação – todos ligados ao ato de cantar. O primeiro acontece no toré, quando a partir do canto os encantos apenas observam o evento. O segundo se realiza no praiá, quando a força encantada chega ao terreiro e é dividida entre todos os dançadores. O terceiro momento é no serviço de chão, quando a referida força atua no cantador e o encanto fala para os presentes. A força encantada é traduzida como fonte de coragem e proteção, sentimentos que juntos geram, de acordo com o nativo, sabedoria e saúde no sujeito.

A abundância do ser Kalankó

Tal transformação está ligada as diversas conjunções estabelecidas no terreiro que elaboram moralidades e sentidos importantes para a vida da população. Isto contuitui o que chamo de religião musical e visa materializar na caatinga uma energia, denominada encantada, que pode variar de intensidade, sendo a mais forte, mais eficaz. A abundância torna-se, então, um valor super estimado – constituindo uma forma de se compensar o sofrimento vivido. Busca-se o excesso³ para que se compensem as perdas e a vida cotidiana é pautada pelo exagero, que é visto como abundância, que está ligada à quantidade e repetição. Os cantos Kalankó apontam para a mesma situação. No toré⁴ a estrutura do canto é a de “pergunta-resposta” na qual o cantador canta dois versos e os participantes respondem com mais dois. Além de algumas variações. Quanto mais longo é o canto, melhor, pois a sensação de alegria e envolvimento será ainda maior. O desenvolvimento do canto do praiá⁵ depende da repetição de células baseadas num jogo

³ Um prato de comida, por exemplo, mais do que compensar as vitaminas e nutrientes necessários a quem trabalha na roça, é exagerado. Abundante de feijão, arroz, carne e de tudo mais que houver. Algumas narrativas que exploram o campo da fantasia também apontam para o exagero como motivo. Seu Francisco, por exemplo, me contou a história de um homem que depois de passar fome comia “tanto, mas tanto, que sua barriga começou a crescer, até estourar”.

⁴ Por exemplo: “Caboclo de pena,
não pisa no chão (cantador);
Peneira no ar,
que nem gavião (participantes)”

⁵ Por exemplo,
He o ha he
He ha he hoa A

de sílabas e vogais repetidas. O padrão de execução identificado é a formação de três células: A, B e C que podem ser articuladas de diversas formas – quanto mais repetidas, mais energia. O serviço de chão também é produzido pela repetição de estruturas com base num jogo de sílabas e vogais. Neste canto elabora-se uma célula composta por sílabas aparentemente sem conteúdo semântico. Por exemplo: a expressão “ahei” que tem um andamento mais intenso e que é repetida rapidamente, configurando o que chamo de “repetição radical” o que, por sua vez, dá origem ao que os Kalankó classificam como o momento de “mais energia encantada” suficiente para curar ou matar. O pensamento musical Kalankó, portanto, também trabalha com a idéia da quantidade e repetição. Os cantos Kalankó, assim, sendo uma máquina de produzir abundância.

Conclusão

Me parece que o mundo “dado”⁶ para os Kalankó está relacionado a experiência de cristianização e expropriação de suas terras, ocorridas especialmente no aldeamento forçado. E que o universo inventado está conectado a prática de uma religião musical, que lida com a falta ou o excesso de uma energia vital. Neste sentido, o lugar social de injustiça e opressão, experienciado pelos Kalankó, é percebido como um mundo inato de sofrimento. E é sobre esse mundo que o sujeito pode inventar uma série de elementos artificiais – como rituais, cantos e narrativas – estabelecendo operadores de uma teoria religiosa, que alivia a dor de ser Kalankó. O fundo da figura Kalankó sendo constituído pelo cristianismo, imposto na catequese. Sendo assim, a teoria religiosa-musical, é absolutamente fundamental para entendermos a complexidade da vida lá. E os encantos e

He ho ha he
He ho ha haia
He ho ha he B

He ho ha haia
He ho ha he
He ho ha haia B
He ho ha he
He ho ha hoa
He ho ha he C

He ho ha haia

⁶ Tal lógica é muito bem exposta por Wagner (1975), que pensa na cultura através das categorias de inato e artificial. O inato sendo algo percebido como imanente, estabelecido e o artificial sendo dialogicamente obtido através da invenção humana, que cria convenções e controles sobre o inato, a fim de inventar formas de adaptação à realidade.

cantos parecem constituir uma relação fundante do grupo étnico sendo um meio essencial de expressão, que elabora identidades, condutas e relações. Tais relações apontam, então, para o fato de que neste momento de emergência de novas formas de religião, como coloca Carozzi (1999), se restringindo a área urbana, torna-se importante o estudo do sistema religioso entre os povos indígenas do sertão rural nordestino.

Referências

- BASTIDE, Roger. Catimbó. Em: PRANDI, Reginaldo (org.). Encantaria Brasileira – o livro dos mestres, caboclos e encantados. Pallas, 2004.
- BOURDIE, Pierre. Economia das Trocas Simbólicas. Perspectiva: São Paulo, 2004.
- BRANDÃO, Carlos R. Fronteira da fé - alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. DOSSIÊ RELIGIÕES NO BRASIL. Estudos Avançados. vol.18 no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004. ISSN 0103-4014.
- CAROZZI, Maria Julia. “Nova Era: a Autonomia como Religião”, in Maria Julia Carozzi (org.). A Nova Era no Mercosul. Petrópolis, Vozes, 1999
- MERLAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1945].
- POMPA, Cristina. Religião como Tradução – missionários, Tupi e Tapuia no Brasil Colonial. São Paulo: Edusc, Anpocs, 2002.
- FRY, Peter. O espírito santo contra o feitiço e os espíritos revoltados – “civilização” e “tradição” em Moçambique. Mana, vol.6, n.2, Outubro. Rio de Janeiro, 2000.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. LTC: Rio de Janeiro, 1999.
- RIBEIRO, Rosemary. O mundo encantado Pankararu. Dissertação de Mestrado. UFPE, 1992.
- WAGNER, Roy. The invention of culture. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.